

O Homem

Vincent Cheung

Visto que Cristo precede o homem em preeminência, pode parecer que a doutrina de Cristo merece atenção anterior à doutrina do homem. Mas visto que a obra redentora de Cristo permeia o estudo de Cristo, e visto que foi por seres humanos — isto é, os pecadores eleitos — que Cristo fez expiação, é, portanto, razoável estudar primeiramente a doutrina do homem. Em adição, visto que Cristo tomou sobre si os atributos humanos na encarnação, ter um entendimento prévio da antropologia bíblica facilitará nosso entendimento desse e de outros aspectos da cristologia.

Portanto, embora Cristo seja a segunda pessoa da Trindade, e venha imediatamente após a doutrina de Deus numa estrutura trinitariana de teologia sistemática, no presente curso de estudo colocaremos a doutrina do homem imediatamente após a doutrina de Deus, de forma que possamos entender algo sobre a outra parte na relação Deus-homem, que é tão central para a teologia cristã.

A CRIAÇÃO DO HOMEM

Após criar a terra, as plantas e os animais, Deus criou o homem. Ao criar as coisas anteriores, Deus simplesmente ordenou que elas viessem à existência. Por exemplo, em Gênesis 1:3, ele diz, “Haja luz”, e no versículo 11 ele diz, “Cubra-se a terra de vegetação”. Quanto à doutrina do homem, o relato de Gênesis registra o que parece ser uma conferência entre os membros da Trindade, concordando em criá-lo à imagem de Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (1:26). Mesmo sem a informação anterior contida nos versículos 26-30, isso sugere uma relação especial entre Deus e o homem, e que um cuidado especial foi dado em sua criação.

Talvez a objeção contemporânea mais popular contra o relato de Gênesis da criação do homem seja a teoria da evolução. Ele nega a criação direta do homem por Deus, e propõe que a vida se originou da não-vida, e que o homem é o produto de mutações a partir de espécies inferiores.

A teoria da evolução contradiz o que a Escritura diz sobre a origem do homem. Gênesis 2:7, 21-22 reconta a criação do homem da seguinte forma:

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser

vivente.... Então o SENHOR Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o SENHOR Deus fez uma mulher e a levou até ele.

O homem foi criado antes da mulher, e visto que já existia um membro da espécie humana na criação da mulher, Deus tomou material pré-existente a partir do homem para criá-la. Contudo, quando Deus criou o homem, a Bíblia não diz que ele usou material pré-existente a partir dos animais que ele já tinha criado, mas que ele pegou diretamente “o pó da terra” e diretamente “soprou em suas narinas o fôlego de vida”.

Portanto, a Bíblia ensina que o homem foi criado por um ato direto de Deus, e não através de evolução biológica. Embora haja outros detalhes em Gênesis 1-2 que reforcem tal entendimento,¹ o acima exposto é suficiente para mostrar que a teoria da evolução contradiz a revelação bíblica.

Agora, a própria Bíblia reivindica que toda Escritura é revelação divina (2 Timóteo 3:16), e assim, a Bíblia inteira fala com tal autoridade. Em outras palavras, visto que a própria Bíblia reivindica que toda parte da Bíblia é inspirada por Deus, rejeitar qualquer proposição na Bíblia equivale a rejeitar a própria reivindicação da Bíblia de que toda ela é inspirada por Deus.

Visto que a própria Bíblia reivindica que cada parte da Bíblia é verdadeira, julgar qualquer parte dela como sendo falsa requer um apelo a uma autoridade ou padrão de verdade alheio à Bíblia. Mas se alguém rejeita a reivindicação de infalibilidade da própria Bíblia, julgando uma de suas proposições como sendo falsas, então ele não pode aceitar a reivindicação da própria Bíblia de infalibilidade quando ele julga outra de suas proposições como sendo verdadeira. Isto é, se uma pessoa apela a uma autoridade ou padrão não-bíblico quando ele rejeita uma determinada proposição bíblica, então ele deve continuar a apelar a uma autoridade ou padrão não-bíblico quando ele concordar com outra proposição bíblica.

Por exemplo, visto que a própria Bíblia afirma a deidade de Cristo, alguém que rejeita a deidade de Cristo pode fazê-lo somente assumindo uma autoridade ou padrão não-bíblico pelo qual ele julga a Bíblia como sendo falsa.² Mas então, se esse mesmo indivíduo concorda com o

¹ Por exemplo, entender a palavra hebraica “dia” em Gênesis 1 como indicando um período de vinte e quatro horas rejeita a teoria da evolução, que reivindica que a vida humana levou muitos anos para vir à existência.

² A deidade de Cristo é apenas um exemplo. O ponto é que alguém que rejeita qualquer proposição bíblica, até mesmo uma aparentemente insignificante, não pode ao mesmo tempo concordar com outra proposição bíblica reconhecendo sua autoridade divina. Visto que ele julga uma como sendo falsa por um padrão não-bíblico, ele também deve julgar outra como sendo correta por um padrão não-bíblico.

ensino bíblico de que o assassinato é imoral, ele não pode fazê-lo pelo fato da Bíblia ensinar que o assassinato é imoral. Pelo contrário, ele deve novamente apelar a uma autoridade ou padrão não-bíblico para justificar sua crença de que o assassinato é imoral.

Visto que ele rejeitou a autoridade da Bíblia para justificar suas próprias reivindicações quando ele rejeitou seus ensinamentos sobre a deidade de Cristo, ele não pode agora apelar à autoridade da Bíblia para justificar suas próprias reivindicações quando ele afirma que o assassinato é errado. Contudo, se a autoridade ou padrão não-bíblico ao qual ele apela é injustificável — e nossa posição é que toda autoridade ou padrão não-bíblico é injustificável³ — então ele não pode nem justificar sua rejeição da deidade de Cristo, nem sua afirmação de que o assassinato é errado.

Se por uma autoridade ou padrão alheio à Bíblia alguém aceita uma parte da Bíblia e rejeita outra, então a parte da Bíblia que ele aceita não é mais verdadeira porque a Bíblia assim o diz, mas porque a autoridade a qual ele é leal assim o diz. Portanto, ele não pode justificar sua crença na parte da Bíblia que ele afirma porque a Bíblia diz, mas ele deve justificar essa crença pela autoridade ou padrão epistemológico pelo qual ele avalia a Bíblia. Contudo, se sua epistemologia carece de justificação, seu veredito sobre qualquer parte da Bíblia também carece de justificação, e o que ele diz é insignificante.

Portanto, uma pessoa que rejeita uma parte da Bíblia não pode reivindicar aceitar outra parte da Bíblia sobre a base da segunda parte ser a revelação de Deus, visto que ele rejeitou o status revelacional da primeira. Da mesma forma, aceitar qualquer uma das proposições da Bíblia porque ela é uma parte da Bíblia, obriga uma pessoa a aceitar toda a Bíblia como verdadeira, visto que a autoridade por detrás de todas as proposições bíblicas é uma, e não muitas.

Uma pessoa que rejeita uma proposição bíblica não pode ao mesmo tempo apelar à autoridade divina para sustentar suas outras crenças. Ele deve descansar sobre essa autoridade ou padrão pela qual ele julga que uma proposição bíblica é falsa. Contudo, se somente a autoridade divina pode justificar qualquer proposição ou sustentar qualquer crença, então essa pessoa que descansa sobre uma autoridade ou padrão não-bíblico imediata e simultaneamente perde a justificação para tudo o que ele afirma. Visto que a reivindicação da própria Bíblia de ultimato e infalibilidade está ligada a todas as suas proposições, alguém que rejeita qualquer parte da Bíblia, deve rejeitar toda a Bíblia, e alguém que aceita qualquer parte da Bíblia, deve aceitar toda a Bíblia.

Para o nosso propósito, isso significa que alguém que rejeita o relato

³ Veja o capítulo anterior desse livro, e Vincent Cheung, *Ultimate Questions and The Light of Our Minds*.

bíblico da criação direta do homem não pode ao mesmo tempo afirmar a criação do universo por Deus sobre a base da Escritura. Se alguém aceita a criação do universo por Deus porque a Bíblia o ensina, ele também deve afirmar a criação direta do homem por Deus porque a Bíblia ensina assim.

Agora, a teoria da evolução trata com o que se formou de materiais pré-existentes. Visto que nenhuma evolução poderia ter ocorrido se não houvesse nada envolvido, a teoria da evolução pressupõe a existência do universo. Isto é, a biologia pressupõe a cosmologia. Mas tanto a biologia como a cosmologia pressupõe a possibilidade do conhecimento humano, ou epistemologia. Assim, epistemologia é anterior a cosmologia, que é anterior a biologia.

Temos mostrado que a biologia evolucionária é uma biologia não-cristã. Temos mostrado também que alguém não pode rejeitar um aspecto da cosmovisão cristã e então aceitar outro aspecto da cosmovisão cristã. Portanto, uma biologia não-cristã pressupõe uma cosmologia não-cristã, e uma cosmologia não-cristã pressupõe uma epistemologia não-cristã. Contudo, se todas as teorias não-cristãs de epistemologia são demonstravelmente falsas, então todas as teorias não-cristãs de cosmologia são destruídas. E se todas as teorias não-cristãs de cosmologia são destruídas, então teorias não-cristãs de biologia são destruídas também, incluindo a biologia evolucionária.

Afirmar a biologia evolucionária pressupõe uma epistemologia não-cristã, resultando na destruição da cosmovisão inteira de uma pessoa. Mas pressupor uma epistemologia cristã na qual a infalibilidade exclusiva da Escritura é afirmada, rejeita a biologia evolucionária desde o princípio. Portanto, a biologia cristã, que afirma a criação direta do homem por Deus, é verdadeira por necessidade dedutiva, mas é impossível para a biologia evolucionária ser verdadeira.

Certamente, dentro do contexto do debate, podemos também temporariamente assumir as proposições da ciência secular por causa do argumento, e a partir dessa base argumentar que a evolução é “uma teoria em crise” e que “os fósseis ainda dizem *Não*”.⁴ Mas como eu tenho apontado em outros lugares, todo raciocínio científico é formalmente falacioso e não pode alcançar a certeza dedutiva. Assim, os argumentos científicos contra a evolução são mais fracos do que os argumentos bíblicos contra a evolução que estou apresentando aqui.⁵ Um

⁴ Michael Denton, *Evolution: A Theory in Crisis*; Adler & Adler Publishers, 1997; Duane T. Gish, *Evolution: The Fossils Still Say No!*; Institute for Creation Research, 1985. Also see Michael J. Behe, *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution*; Touchstone Books, 1998; William Dembski, *No Free Lunch: Why Specified Complexity Cannot be Purchased Without Intelligence*; Rowman & Littlefield, 2001.

⁵ Isso não é porque o caso científico contra a evolução seja fraco, mas porque a própria ciência é incapaz de descobrir qualquer verdade.

argumento que destrói a cosmovisão evolucionista inteira em seu próprio ponto de partida é certamente superior.

O seguinte é um sumário do argumento exposto acima contra a biologia evolucionária:

1. A teoria da evolução contradiz a Bíblia.
2. Portanto, o evolucionista não pode tomar emprestada nenhuma premissa cristã para a sua cosmovisão.
3. Um universo deve primeiro existir para a vida existir nele (ou se desenvolver a partir dele).
4. Portanto, qualquer teoria de biologia pressupõe uma teoria de cosmologia.
5. O conhecimento deve ser possível antes que uma teoria de cosmologia possa ser formulada.
6. Portanto, qualquer teoria de cosmologia pressupõe uma teoria de epistemologia.
7. Somente a epistemologia cristã é justificável e verdadeira.
8. Portanto, somente a cosmovisão cristã é justificável e verdadeira, e assim somente a cosmologia cristã é justificável e verdadeira, e assim somente a biologia cristã é justificável e verdadeira.
9. A biologia cristã afirma a criação direta do homem por Deus.
10. Portanto, a visão de que Deus fez o homem por criação direta é verdadeira, e a teoria da evolução é falsa.

Eu demando que o evolucionista me diga como um não-cristão pode saber *algo* antes que ele me apresente suas teorias de cosmologia e biologia. Mas visto que o evolucionista não pode encontrar uma epistemologia para suportar sua cosmologia, e visto que ele não pode encontrar uma cosmologia para suportar sua biologia, sua biologia existe somente em seu próprio mundo imaginário, e sua teoria da evolução é uma fantasia tanto quanto o seu universo. Assim, o evolucionista não tem nem mesmo o direito de apresentar o seu caso sobre a biologia evolucionária, a menos que eu escolha ouvi-la.

A biologia não existe num vácuo. Não podemos simplesmente concordar que o universo existe e argumentar apenas sobre biologia, visto que o tipo de universo assumido determina o que é possível dentro dele. Se a epistemologia não-cristã é impossível, então a cosmologia não-cristã é impossível, e se a cosmologia não-cristã é impossível, então a biologia não-cristã é impossível. Contudo, uma vez que aceitamos uma epistemologia cristã, e assim uma cosmologia cristã, então a criação direta do homem por Deus segue-se por necessidade, e todas as teorias não-cristãs de biologia são rejeitadas.

Tudo isso é apenas para aplicar o argumento dogmático à teoria da evolução. O poder do argumento dogmático é tal que ele

conclusivamente estabelece toda a fé cristã como verdadeira, e simultaneamente serve como uma refutação conclusiva de todas as idéias e cosmovisões não-cristãs, quer conhecidas ou desconhecidas. Visto que temos mostrado que toda a Escritura é exclusivamente verdadeira pelo argumento dogmático, e visto que a evolução contradiz a Escritura, então a evolução é automaticamente falsa. Isto é, visto que apenas a Bíblia é certa, e visto que a evolução contradiz a Bíblia, então a evolução é errada. Nenhum argumento adicional é requerido.

Podemos proceder agora com o entendimento de que Deus fez o homem através de uma criação direta e completa, sem qualquer tipo de processo evolucionário. Tendo diretamente formado o corpo do homem usando material pré-existente da terra (mas não de animais), Deus lhe deu vida, e o homem se tornou um ser vivo: “Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2:7).

Quanto ao propósito da criação do homem, a Bíblia ensina que o homem foi criado pela vontade de Deus e para a glória de Deus:

Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e *por tua vontade* elas existem e foram criadas. (Apocalipse 4:11)

Direi ao norte: “Entregue-os!” e ao sul: “Não os retenha”. De longe tragam os meus filhos, e dos confins da terra as minhas filhas; todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei *para a minha glória*, a quem formei e fiz. (Isaías 43:6-7)

Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos *para o louvor da sua glória*. (Efésios 1:11-12)

Então endurecerei o coração do faraó, e ele os perseguirá. Todavia, eu *serei glorificado* por meio do faraó e de todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR”. E assim fizeram os israelitas. (Êxodo 14:4)

E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isto para *tornar conhecidas as riquezas de sua glória* aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Romanos 9:22-24)

Alguns ensinam que a natureza amorosa de Deus o compeliu a criar objetos com afeição para satisfazer sua necessidade de exercer o amor sacrificial e doador. Mas é herético dizer que Deus tem qualquer necessidade. Paulo diz em Atos 17:25: “Ele não é servido por mãos de homens, *como se necessitasse de algo*, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas”. Sendo eternamente auto-existente, Deus é auto-suficiente. Visto que o homem não é eterno, mas teve um tempo definido de origem antes do qual ele não existia, e visto que “para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.” (2 Pedro 3:8), se Deus já pôde existir sem o homem, ele poderia ter continuado a existir no mesmo estado para sempre. Portanto, a criação do homem não foi devido a qualquer necessidade em Deus.

As passagens acima mostram que Deus criou tanto os eleitos como os réprobos para a sua glória. Embora os réprobos não glorifiquem conscientemente a Deus, ele ganha glória para si mesmo através deles, de forma que ele é glorificado pelos eleitos na salvação deles e pelos réprobos na destruição deles.

Somente a ordem dos decretos eternos no SUPRALAPSARIANISMO, como oposto ao INFRALAPSARIANISMO, é consistente com o registro bíblico:

1. A eleição de alguns pecadores para salvação em Cristo; a rejeição do resto da humanidade pecadora.
2. A aplicação da obra redentora de Cristo aos pecadores eleitos.
3. A redenção dos pecadores eleitos pela obra de Cristo.
4. A queda do homem.
5. A criação do mundo e do homem.

Embora todos os pensamentos sejam simultâneos na mente de Deus, o arranjo lógico dos decretos eternos começa com o decreto de que Deus glorificaria a si mesmo através da salvação dos eleitos por Cristo e a destruição dos réprobos. Cada decreto subsequente é então feito como o meio pelo qual o anterior seria realizado.

Portanto, Deus escolheu glorificar a si mesmo, e o meio pelo qual ele seria glorificado é a salvação de alguns por Cristo e a condenação de todos os outros. O meio pelo qual o primeiro seria realizado é a obra redentora de Cristo. E o meio pelo qual a obra redentora de Cristo tem significado é a queda da humanidade. Para a queda da humanidade ser possível, Deus decretou a criação do mundo e do homem.

O infralapsarianismo confunde a *execução* do plano eterno com sua *formulação*, de forma que ele começa onde a ordem supralapsariana termina. Contudo, uma mente racional formula um plano primeiramente determinando o fim, e só então determina o meio pelo qual ele alcançará o fim determinado. A execução de tal plano, contudo,

reverte a ordem da formulação de forma que ele começa onde a formulação termina.

O supralapsarianismo é a ordem teleológica e o infralapsarianismo é a ordem histórica. Visto que o propósito de discutir a ordem dos decretos eternos é descobrir o arranjo lógico da formulação, e não a ordem histórica da execução do plano, o supralapsarianismo é a posição bíblica.

Isso significa que Deus decretou ativamente a queda da humanidade como um dos meios pelos quais ele cumpriria seu plano eterno. O pecado não foi um acidente e a redenção não foi uma mera reação da parte de Deus. Como a Escritura diz: “O Senhor faz *tudo* com um propósito; até os ímpios para o dia do castigo” (Provérbios 16:4).

A NATUREZA DO HOMEM

De acordo com a Bíblia, Deus criou o homem à sua imagem: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou” (Gênesis 1:27). Seja o que for que imagem de Deus signifique, ela não pode se referir a alguma coisa que o próprio Deus não possua. Visto que tem sido estabelecido que Deus é incorpóreo, a imagem não deve, portanto, estar relacionada com o corpo do homem.

Contudo, visto que há aqueles que afirmam outra coisa, devemos tomar algum tempo para tratar com o assunto aqui. Devemos nos aproximar da questão perguntando em que sentido o homem é semelhança a Deus, e o que constitui o ponto de contato do homem com Deus. Devemos considerar também em que sentido o homem é superior aos animais.

Se a imagem de Deus é vista no corpo do homem, então é argumentável que alguns animais também foram criados à imagem de Deus, visto que as diferenças físicas entre o homem e alguns animais não são tão vastas ao ponto de dizer que foi criado à imagem de Deus e o outro não — isto é, se a imagem inclui as aparências físicas do homem.⁶ Mas isso é inaceitável, visto que a Escritura nos diz que o que distingue o homem dos animais é precisamente a imagem de Deus. Portanto, a imagem de Deus não pode se referir ao corpo do homem ou sua aparência, mas a algo mais.

Deuteronômio 4:15-18 diz que Deus não tem “forma alguma” e, portanto, é proibido fazer qualquer ídolo ou imagem para representar a deus, mesmo que seja na aparência de um ser humano:

⁶ Tendo estabelecido a cosmovisão cristã como verdadeira, similaridades entre o corpo humano e aqueles dos animais implica design comum, não descendência comum.

No dia em que o SENHOR lhes falou do meio do fogo em Horebe, *vocês não viram forma alguma*. Portanto, tenham muito cuidado, para que não se corrompam fazendo para si um ídolo, *uma imagem de alguma forma semelhante a homem ou mulher*, ou a qualquer animal da terra, a qualquer ave que voa no céu, a qualquer criatura que se move rente ao chão ou a qualquer peixe que vive nas águas debaixo da terra.

Apenas essa passagem já é suficiente para estabelecer que qualquer substância com uma forma ou aparência não pode ser a imagem de Deus. Visto que o próprio Deus não tem “forma alguma”, o corpo físico ou a aparência do homem não podem ser a imagem de Deus; eles não podem ser nem mesmo uma parte dela.

Uma análise do registro bíblico demanda que a imagem de Deus deve ser definida em termos de intelecto. Embora o homem tenha a vantagem de ser um primata bípede ereto que possui dedos opostos, os corpos de muitos animais são superiores ao do homem de várias formas. Contudo, nenhum dos animais pode se comparar ao homem em capacidades intelectuais.

Que Deus fez o homem em sua própria imagem significa que o homem é uma mente racional. Muitos animais correm mais rápido do que o homem, muitos são mais fortes, e alguns podem até voar, mas nenhum pode entender os silogismos dedutivos ou resolver equações algébricas. Os animais algumas vezes parecem realizar tarefas que requerem pensamento ou designe racional, tal como construir ninhos elaborados. Mas após uma observação adicional, descobrimos que a criatividade e capacidades deles de adaptar são limitadas, e que eles são capazes de realizar essas tarefas somente por instinto, e não através de pensamento deliberado e racional. Mais importante, nenhum animal pode realizar reflexões teológicas.

A mente racional do homem é a semelhança de Deus e seu ponto de contato com ele. As qualidades intelectuais do homem são evidentes desde o princípio de Gênesis. Deus abençoou o homem em Gênesis 1:28-30, dando-lhe domínio sobre a natureza por um pronunciamento verbal. Adão cuidou de Eva não por instinto, mas em obediência às instruções verbais de Deus. Deus deu ao homem um mandamento moral em Gênesis 2:16, proibindo-o de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas permitindo que ele comesse de todas as outras árvores. O homem foi advertido que violar esse mandamento resultaria em sua morte. Somente uma mente racional poderia entender conceitos tais como dever, pecado e morte.

A Bíblia explicitamente distingue homem de animais sobre a base de seus poderes intelectuais:

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e *soprou em suas narinas o fôlego de vida*, e o homem se tornou um ser vivente... Mas é o espírito dentro do homem que *lhe dá entendimento; o sopro do Todo-poderoso*. (Gênesis 2:7, Jô 32:8)

[Deus] *nos ensina mais que aos animais da terra e nos faz mais sábios que as aves dos céus*. (Jó 35:11)

Isso porque Deus não *lhe deu sabedoria* [aos avestruzes] nem parcela alguma de *bom senso*. (Jó 39:17)

Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem. (Salmos 32:9)

“O novo [homem]... está sendo renovado *em conhecimento, à imagem do seu Criador*” (Colossenses 3:10).

É impossível negar a conclusão que a imagem de Deus é a mente racional do homem, mas alguns tentam adicionar outros elementos a essa definição, tais como a moralidade do homem e o seu domínio sobre a natureza. Embora isso seja consistente com nossa posição (Efésios 4:24), devemos manter que a racionalidade permanece o elemento básico na definição da imagem de Deus no homem.

O homem tem uma natureza moral que o distingue dos animais, e assim parece para alguns que deveríamos incluir isso como parte da imagem de Deus, embora a racionalidade possa ser um elemento. Agora, até mesmo animais e objetos inanimados “obedecem” aos mandamentos de Deus, mas ao invés de fazê-lo por uma mente racional, eles são compelidos pelo poder de Deus. Mas visto que o homem tem uma mente racional, ele escolhe obedecer a Deus através do intelecto, e ele pecou ao desafiar os mandamentos divinos. O homem pode compreender os conceitos de bem e mal, e pode discuti-los através do uso de linguagem. Isso significa que o homem é moral precisamente porque ele é racional; a moralidade é uma função da racionalidade. Portanto, embora possamos reconhecer que ter uma natureza moral é parte do que significa ser um ser humano, não é necessário incluí-la como parte de nossa definição para a imagem de Deus.

O domínio do homem sobre os animais também é uma extensão ou resultado de sua superioridade intelectual (Gênesis 1:28-30), e não deve ser confundida com parte da imagem de Deus. Tiago escreve: “Toda espécie de animais, aves, répteis e criaturas do mar *doma-se* e tem *sido domada* pela espécie humana” (Tiago 3:7). Embora o homem seja fisicamente mais fraco do que muitos animais, o seu entendimento e conhecimento o capacitam a inventar métodos, ferramentas e armas

para dominá-los e usá-los. O domínio do homem sobre a natureza é feito possível por suas capacidades intelectuais, e não por qualquer poder sobrenatural ou místico dada por Deus.

O forte interesse nos direitos dos animais e no vegetarianismo justificará uma breve digressão nesse ponto. A Escritura ensina que os seres humanos são têm mais valor do que os animais e que os seres humanos podem comer animais para se alimentar:

Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos. Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como lhes dei os vegetais, agora lhes dou todas as coisas. (Gênesis 9:2-3)

Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? (Mateus 6:26)

Ele lhes respondeu: “Qual de vocês, se tiver uma ovelha e ela cair num buraco no sábado, não irá pegá-la e tirá-la de lá? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é permitido fazer o bem no sábado”. (Mateus 12:11-12)

Até os cabelos da cabeça de vocês estão todos contados. Não tenham medo; vocês valem mais do que muitos pardais! (Lucas 12:7)

Observem os corvos: não semeiam nem colhem, não têm armazéns nem celeiros; contudo, Deus os alimenta. E vocês têm muito mais valor do que as aves! (Lucas 12:24)

Pois está escrito na Lei de Moisés: “Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal”a. Por acaso é com bois que Deus está preocupado? (1 Coríntios 9:9)

O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios. Tais ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência cauterizada e proíbem o casamento e o consumo de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ação de graças pelos que crêem e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado, se for recebido com ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração. (1 Timóteo 4:1-5)

A prioridade do cristão sempre deveria ser os seres humanos, não os animais. Dado do que a Bíblia diz sobre o valor superior dos seres humanos, deveríamos reservar nossos recursos de tal forma que ajude a causa de Cristo entre os seres humanos, até mesmo à custa do conforto e vidas dos animais. Muito do que é feito em nome dos direitos dos animais rouba os recursos que deveriam ser devotados à ajuda da humanidade. Isso é uma negação indireta de que o homem foi criado à imagem de Deus, que ele é especial entre as criaturas de Deus, e, portanto, é uma rejeição indireta da Escritura.

Quanto ao vegetarianismo, Deus concedeu ao homem permissão para consumir “tudo o que vive e se move” (Gênesis 9:3). A Escritura declara que o homem não está restrito a comer apenas vegetais: “Assim como lhes dei os vegetais, agora lhes dou todas as coisas.” (v. 3). Portanto, se abster de comer carne por razões espirituais ou como um reconhecimento dos “direitos animais” é um desafio do ensino bíblico.

Embora os ativistas dos direitos animais estejam errados, isso não significa que o homem pode abusar e torturar animais da forma como lhe agrada. A Escritura dá instruções de como devemos tratá-los.⁷ Por exemplo, animais deveriam se beneficiar do descanso sabático, e deve ser permitido que eles comam enquanto trabalham (Deuteronômio 5:13-14, 25:4). Provérbios 12:10 diz: “O justo cuida bem dos seus rebanhos”. Podemos concluir a partir de tais passagens que é errado torturar animais por esporte ou causar-lhes sofrimento injustificado. Mas permanece o fato que somos livres para matá-los para comida, visto que a Escritura concede que isso é legítimo. Dada a tendência contemporânea para favorecer os animais, mesmo à custa da humanidade, devemos nos esforçar para dar prioridade aos seres humanos quando pensando sobre o tratamento de animais.

Deus sempre coloca a humanidade antes dos animais. Após citar o mandamento bíblico que diz: “Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal”, Paulo adiciona, “Por acaso é com bois que Deus está preocupado?” (1 Coríntios 9:9). Até mesmo tal mandamento sobre o tratamento dos animais tem o benefício da humanidade e o justo tratamento do homem em vista: “Não é certamente por nossa causa que ele o diz? Sim, isso foi escrito em nosso favor. Porque ‘o lavrador quando ara e o debulhador quando debulha, devem fazê-lo na esperança de participar da colheita’ ” (v. 10). Portanto, devemos dizer com Atos 10:13, onde Deus chama Pedro o apóstolo, “Levante-se, Pedro; mate e coma”.

⁷ Humanos e animais não têm direitos intrínsecos; somente Deus tem direitos intrínsecos. Humanos e animais têm “direitos” somente no sentido de que a Escritura ordena que eles devem ser tratados da maneira que ela prescreve. Tais direitos existem somente em relação a outras criaturas, visto que Deus é livre para tratar suas criaturas da forma como ele desejar. Veja meus escritos sobre direitos humanos, direitos de animais e vegetarianismo.

Retornando ao nosso tópico, alguns que admitem que a imagem de Deus é vista no intelecto do homem, todavia, argumentam que visto que o corpo é necessário para expressar a mente racional de uma pessoa, quer em palavras ou em ações, ele deve ser pelo menos uma parte da imagem de Deus. Contudo, a referência anterior a Deuteronomio 4:15-18 já elimina essa possibilidade; a corpo do homem não pode ser nem mesmo uma parte da imagem de Deus. Em adição, o argumento confunde a imagem de Deus com o equipamento requerido para expressá-la no mundo físico. A mente pode certamente se engajar numa comunicação racional com Deus sem o corpo; podemos precisar do corpo apenas para interagir com o mundo físico. De fato, antes da consumação da nossa salvação, “estar ausentes do corpo” é “habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). A Bíblia vê o corpo físico como muito importante, e o Novo Testamento até diz que o corpo do crente é o templo de Deus (2 Coríntios 6:16); contudo, o corpo não é parte da imagem de Deus.

Outra objeção contra igualar a imagem de Deus com o intelecto do homem é fundamentado na visão de que o homem é uma TRICOTOMIA consistindo de espírito, alma e corpo. Proponentes dessa visão afirmam que a Bíblia retrata o homem como uma tricotomia, e visto que “Deus é espírito” (João 4:24), a imagem de Deus deve, portanto, ser o espírito do homem como oposto à sua alma ou corpo. Isso sendo assim, a imagem de Deus não é o intelecto racional do homem, mas é uma parte não-intelectual do homem chamada de “espírito”. O problema com essa visão é que a Bíblia não endossa a tricotomia, mas ao invés disso, ela ensina que o homem é uma DICOTOMIA consistindo de alma e corpo.

Embora os tricotomistas frequentemente citem Hebreus 4:12 para suportar a visão deles, uma leitura apropriada do versículo tornará a posição deles impossível. O versículo diz: “Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração”. Os tricotomistas reivindicam que, embora seja difícil distinguir entre a alma e o espírito, esse versículo diz que elas podem ser divididas pela palavra de Deus. Portanto, a alma e o espírito são duas partes diferentes de uma pessoa.

Contudo, o versículo não diz que a palavra de Deus pode dividir a “alma, o espírito e o corpo”, mas que ela pode dividir “alma e espírito, juntas e medulas”. Visto que “juntas e medulas” pertencem ao corpo, ou a parte material do homem, a interpretação natural é que “alma e espírito” também pertencem à mesma parte de uma pessoa, ou seja, a parte imaterial do homem.

Se X = alma, Y = espírito e Z = corpo, então o entendimento tricotomista desse versículo faria que com que ele dissesse: “dividindo X e Y, Z e Z”, o que geraria uma estupidez ao versículo que está ausente na interpretação dicotomista. Dicotomistas entendem que a alma =

espírito, e, portanto, $X = Y$. Assim, lemos o versículo assim, “dividindo X e X, Z e Z”, o que preserva a simetria intencionada pelo autor bíblico.

Robert Reymond fornece um argumento gramatical sobre esse versículo, e escreve:

Aqui o tricotomista insiste, visto que a alma pode ser “dividida” do espírito, é evidente que elas são duas entidades ontológicas separadas e distintas. Mas isso é ignorar o fato que “alma” e “espírito” são genitivos governados pelo particípio “dividindo”. O versículo está dizendo que a Palavra de Deus “divide” a alma, *até mesmo* o espírito. Mas ele não diz que a Palavra de Deus divina *entre* alma e espírito... ou divide a alma *do* espírito.⁸

Em adição, esse versículo não se refere de fato a algum poder divisório na palavra de Deus, mas à sua habilidade de penetrar. A palavra de Deus é tão poderosa que ela alcança, afeta e transforma até mesmo as regiões mais profundas da mente de uma pessoa — isto é, “ela julga os pensamentos e intenções do coração” (v. 12).⁹ O próximo versículo confirma essa interpretação: “Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas”. O ponto é que nada sobre nós é oculto de Deus, nem mesmo nossos pensamentos e intenções.

Outro versículo que os tricotomistas usam para apoiar a posição deles é 1 Tessalonicenses 5:23, que diz: “Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. É verdade que as três palavras traduzidas como “*espírito, alma e corpo*” são palavra gregas diferentes. Alguns toma esse versículo como significando que Paulo está se referindo à preservação de Deus de “todo” ser humano, que o apóstolo afirma consistir de três partes: espírito, alma e corpo.

Contudo, Marcos 13:30 torna tal interpretação impossível. O versículo diz: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu mente e de todas as suas forças”. Ele menciona quatro itens com os quais devemos amar a Deus, a saber, o coração, alma, entendimento [N.T.: mente, em algumas versões] e força. Se 1 Tessalonicenses 5:23 demanda o entendimento que o homem consiste de *três* partes, então Marcos 13:30 demanda o entendimento que o homem consiste de *quatro* partes. Assim, o argumento tricotomista a partir de 1 Tessalonicenses 5:23 fracassa.

⁸ Robert Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith*, p. 421-422.

⁹ “Atitudes” são tão mentias ou intelectuais quanto “pensamentos”. Assim, a simetria do versículo se estende até essa última parte, de forma que se Q representa o intelecto, o versículo seria lido assim, “... dividindo X e Z, Z e Z; e julga o Q e Q do coração”. X e Q, então estariam se referindo à mesma parte do homem.

Muitos versículos bíblicos empregam repetição para se enfatizar algo. O fato dos versículos acima usarem palavras diferentes para se referir ao homem não significa necessariamente que cada palavra designe uma parte diferente do homem; antes, a intenção é se referir à pessoa como um todo.

A pregação cristão popular freqüentemente assume uma distinção rígida entre o espírito e a alma do homem, identificando o “coração” com o espírito, e a mente com a alma. Contudo, o *Exegetical Dictionary of the New Testament* define “coração” (grego: *kardia*) como “a pessoa interior, o centro do entendimento, conhecimento e vontade...”.¹⁰ Kittel contém um artigo extenso sobre a palavra, e diz: “o coração é o centro do entendimento, a fonte do pensamento e da reflexão”.¹¹ Assim como outros léxicos, ele confirma que “o uso do Novo Testamento das palavras concorda com o uso do Antigo Testamento...”.¹² A palavra “coração” na Bíblia inclui vários significados, mas a menos que ela aponta para o órgão físico, ela está falando da mente, com o contexto da passagem dando ênfase às suas funções particulares.

Gordon Clark estima que “o termo *coração* denota emoção em aproximadamente dez ou no máximo quinze por cento das vezes. Ela denota vontade talvez trinta por cento das vezes; e ela significa mui claramente o intelecto em sessenta ou setenta por cento [das vezes]”.¹³ Visto que tanto emoção como vontade são funções do intelecto, ou da mente, a menos que ela se refira ao órgão físico, a palavra “coração” na Bíblia significa mente.

Tendo apresentado diversas páginas de passagens relevantes, Clark conclui: “Portanto, quando alguém no banco da igreja ouvir o pregador contrastando a cabeça e o coração, ele perceberá que o pregador não conhece ou não crê no que a Bíblia diz. Para que o evangelho possa ser proclamado em sua pureza e poder, as igrejas devem eliminar o Freudalismo delas e outras formas de psicologia contemporânea, e retornarem à Palavra de Deus...”.¹⁴

É anti-bíblico distinguir entre “fé da cabeça” e “fé do coração” ou “conhecimento da cabeça” e “conhecimento do coração”. Em primeiro lugar, a mente do homem não é sua “cabeça” ou seu cérebro. A mente do homem é incorpórea, feita à imagem de Deus; ela não é parte do

¹⁰ *Exegetical Dictionary of the New Testament*, Vol. 2; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981; p. 250.

¹¹ Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. 3; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (Original: 1965); p. 612.

¹² *Ibid.*, p. 611.

¹³ Gordon H. Clark, *The Biblical Doctrine of Man*; Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1984; p. 82.

¹⁴ *Ibid.*, p. 87-88.

corpo de forma alguma. Assim, fazer um contraste entre a “cabeça” e o “coração” é cometer erro teológico em mais de um nível.

O tricotomista distingue entre o espírito e a alma, ou o coração e a mente, não a cabeça, visto que a cabeça pertence ao corpo. Portanto, o contraste é entre fé no espírito e fé na mente, ou conhecimento no espírito e conhecimento na mente. Mas visto que a tricotomia é falsa, tal contraste também é falso. Visto que as palavras *espírito*, *alma*, *coração* e *mente* se referem à mesma parte imaterial do homem, fé no espírito é fé na mente, e conhecimento no espírito é conhecimento na mente. Elas são apenas palavras diferentes para a mesma parte do homem. Isso também significa que fé e conhecimento são sempre intelectuais.

Em *A Treatise Concerning Religious Affections*, Jonathan Edwards escreve com respeito à inclinação e vontade do homem, que “a mente, com respeito aos exercícios dessa faculdade, é frequentemente chamada de coração”.¹⁵ Também, Thayer escreve: “*kardia*...a alma ou a mente, com a fonte e centro dos pensamentos, paixões, desejos, apetites, afeições, propósitos, esforços... é usada do entendimento, a faculdade e centro da inteligência”.¹⁶ O ponto é que o coração é intelectual.

Após uma extensiva apresentação da evidência relevante, Robert Morey conclui em seu *Death and the Afterlife*:

Na Escritura, é dado vários nomes diferentes à parte imaterial do homem. Ela tem sido chamada de “espírito”, “alma”, “mente”, “coração”, “partes interiores”, etc., do homem. Os nomes não deveriam ser vistos como referindo à entidades separadas, mas como descrições de diferentes funções ou relações que o lado imaterial do homem tem... De fato, alma e espírito são usados intercambiavelmente em várias passagens...¹⁷

Portanto, o ser humano consiste de mente e corpo. Podemos considerar os termos *espírito*, *alma*, *coração* e *mente* como geralmente intercambiáveis:

Não tenham medo dos que matam o *corpo*, mas não podem matar a *alma*. Antes, tenham medo daquele que pode destruir tanto a *alma* como o *corpo* no inferno. (Mateus 10:28)

¹⁵ *The Works of Jonathan Edwards*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2000 (Original: 1834); p. 237.

¹⁶ Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 (original: 1896); p. 325-326.

¹⁷ Robert A. Morey, *Death and the Afterlife*; Minneapolis, Minnesota: Bethany House Publishers, 1984; p. 65.

Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de tudo o que contamina o *corpo* e o *espírito*, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus. (2 Coríntios 7:1)

Porque não entra em seu *coração*, mas em seu estômago, sendo depois eliminado de seu *corpo*. (Marcos 7:19)

Visto que muitos leitores tendem a pensar do *espírito* e *coração*, ou até mesmo da *alma*, como mais ou menos não-intelectual, eu freqüentemente prefiro a palavra *mente*, de forma a lembrar o leitor que, na importa como ele a chame, a parte imaterial do homem é intelectual em natureza. Palavras tais como *espírito*, *alma*, *coração* e *mente* se referem à mesma parte imaterial e intelectual do homem.

Resumindo, a Bíblia ensina que o homem consiste de duas partes — a material e a imaterial. “Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso *homem exterior* se corrompa, o *interior*, contudo, se renova de dia em dia” (2 Coríntios 4:16, ARC). O homem é uma alma e um corpo. A alma entrou no homem quando Deus soprou vida nele, e é esse sopro de Deus que dá ao homem poderes intelectuais. Nossa conclusão permanece que a imagem de Deus é o intelecto do homem; isto é, o homem é feito à imagem e semelhança de Deus no sentido de que o homem tem uma mente racional.

Gênesis 1:27 diz que Deus criou os seres humanos como macho e fêmea: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”. Esse versículo indica que tanto o macho como a fêmea foram criados à imagem de Deus, e ambos pertencem à categoria de homem ou humanidade. O domínio que Deus deu ao homem pertence tanto ao macho como à fêmea, visto que o versículo 28 diz: “Deus os abençoou, e *Ihes* disse: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra’ ” (v. 28).

A implicação desses dois versículos é que um gênero não é intrinsecamente superior ao outro. Contudo, embora o valor ontológico dos homens e das mulheres seja o mesmo, Deus impôs uma estrutura de autoridade sobre eles para definir as funções deles dentro da sociedade, especialmente na relação do casamento e no governo da igreja.¹⁸ Em conexão com isso, examinaremos diversas passagens relevantes abaixo.

Após a queda da humanidade, Deus diz à mulher: “Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará” (Gênesis 3:16). Uma interpretação

¹⁸ George W. Knight III, *The Role Relationships of Men and Women*; Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1985. Focaremos sobre a estrutura de autoridade dentro do relacionamento do casamento nos parágrafos seguintes.

comum dessa declaração a entende como dizendo que a mulher experimentará grande desejo sexual por seu marido, ou pelo menos um desejo por sua companhia. Refletindo essa visão, a *Living Bible* parafraseia o versículo assim: “Você desejará as afeições do seu marido, e ele te dominará”. Mas essa interpretação falha em relacionar a primeira cláusula da sentença à segunda. Em adição, uma declaração similar aparece em Gênesis 4:7, mas dessa vez ela é traduzida assim: “Ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo”. Portanto, um entendimento correto desse versículo seria lido assim: “Seu desejo será *dominar* o seu marido, *mas* ele te governará”.

Alguns afirmam que o homem e a mulher tinham autoridade igual na relação do casamento antes da Queda, e que somente após a humanidade transgredir a lei de Deus é que foi dado homem o governo sobre a mulher como parte da maldição sobre a humanidade. De acordo com essa visão, a subordinação da mulher é apenas um resultado do pecado, e ela tem sido negada após a morte e ressurreição de Cristo.

Contudo, nem todos os efeitos da Queda foram eliminados após a ressurreição de Cristo. Há algumas coisas que devem esperar a consumação da nossa salvação na segunda vinda. Por exemplo, a doença e morte se originaram por causa do pecado, mas elas ainda estão em efeito hoje. Mas se a obra de Cristo removeu todos os resultados do pecado para esse estágio da história humana, eles deveriam estar agora completamente ausentes da experiência humana, pelo menos para o cristão. Portanto, mesmo que a subordinação da mulher fosse resultado do pecado, não se segue que ela tenha sido negada após a ressurreição de Cristo, a menos que a Bíblia ensine explicitamente isso.

Mas, antes de tudo, a autoridade do homem sobre a mulher não se originou por causa da Queda. Mesmo antes de Deus criar a mulher, ele disse que ela seria a “ajudadora” do homem (Gênesis 2:18). Paulo ensina que a autoridade do homem sobre a mulher não originou por causa do pecado, mas que ela é uma ordenança da criação. Isto é, pela natureza e ordem da criação do homem e da mulher, o homem tem autoridade sobre a mulher.

Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem; além disso, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. (1 Coríntios 11:8-9)

A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. (1 Timóteo 2:11-13)

É apenas natureza que qualquer ordenança de Deus instituída por causa da própria natureza da criação ainda está em efeito, enquanto formos seres humanos.¹⁹

Em adição, tanto Paulo como Pedro escreveram aos crentes dizendo que as esposas cristãs deveriam obedecer seus maridos. Assim, a obra de Cristo e o ensino apostólico não fez nada para abolir a estrutura de autoridade instituída por Deus na criação, mas antes a reforçou com uma lei moral absoluta.

Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e *a serem bondosas e sujeitas a seus maridos*, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada. (Tito 2:4-5)

Do mesmo modo, mulheres, *sujeite-se cada uma a seu marido*, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês. (1 Pedro 3:1-2)

O argumento dizendo que a obra redentora de Cristo removeu a “maldição” da subordinação da mulher ao homem dentro do relacionamento do casamento é uma posição anti-bíblica. A Bíblia ensina que o marido tem autoridade sobre a esposa na criação do homem, após a queda do homem, e após a obra de Cristo.

Antes do que ensinar que a subordinação da mulher resultou do pecado, Gênesis 3:16 indica que o pecado produziu a usurpação deles da autoridade dos homens. Mulheres cristãs se submeteram à liderança masculina em casa e na igreja é um sinal de justiça e regeneração; contudo, a rejeição da liderança masculina em casa e na igreja é uma manifestação de pecado e impiedade. Antes do que abolir a liderança masculina em casa e na igreja, a obra de Cristo restaurou e reforçou o design divino original.

Um aspecto importante do movimento feminista e da teologia feminista é alterar ou abolir a estrutura bíblica do relacionamento matrimonial e do governo da igreja. Nos esforços deles de promover uma “igualdade” anti-bíblica, os feministas têm facilitado a erosão da unidade mais básica da sociedade, a família. Deus designou que o homem deveria ser o cabeça da casa desde o princípio, mas o pecado produziu na mulher uma desejo de usurpar a autoridade do marido, e a ser “liberta” do seu

¹⁹ “Embora o homem e mulher sejam iguais em termos de *ser* ou *natureza*... as Escrituras também sinam que eles não são iguais em termos de função ou ofício. A liderança do homem não surgiu por causa da queda ou com um resultado da cultura hebraica. O homem era a cabeça da mulher na criação como uma instituição direta do próprio Deus...”; Robert Morey, *Introduction to Defending the Faith*; Nevada: Christian Scholars Press, 2002; p. 34.

governo. Mas a alegria e esperança da humanidade depende de conhecer e obedecer os mandamentos bíblicos, e não lutar contra eles.²⁰

A liderança do homem na família tem sido um tópico controverso, tanto dentro como fora dos círculos teológicos. A razão para tanto debate não é porque a Escritura não é clara sobre o assunto, mas antes porque o clima ideológico dos dias de hoje e a tendência pecaminosa dos seres humanos se ofendem com a autoridade legítima. Como *Keil & Delitzsch* diz em relação a Gênesis 3:16, o desejo dentro da mulher de desafiar a autoridade do homem é uma que “beira a doença”.²¹

Nossa segunda passagem vem de 1 Pedro 3:1-6. Os versículos 1-4 diz:

Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês. A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e jóias de ouro ou roupas finas. Ao contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranqüilo, o que é de grande valor para Deus.

A passagem mostra que não somente as esposas devem se sujeitar aos seus maridos cristãos, mas elas devem ser submissas mesmo que seus maridos sejam incrédulos. Visto que em outros lugares encontramos que uma mulher cristã pode ser casar somente com um homem cristão (1 Coríntios 7:39), Pedro está se dirigindo aqui àquelas mulheres que se tornaram cristãs após terem se casado com homens não-cristãos.

A parte com respeito à submissão entre em discussão quando o apóstolo diz que os homens podem ser “ganhos sem palavras”. Isso não significa que uma pessoa pode trazer outra à fé sem comunicar verbalmente a mensagem do evangelho. É popular assumir hoje em dia que a “ação fala mais alto do que as palavras”, mas isso é contrário do ensino bíblico.

Esses maridos a quem Pedro exorta as esposas a serem submissas são ditos já terem rejeitado o evangelho como comunicado verbalmente, quer por suas esposas ou por qualquer outra pessoa. Assim, o conteúdo intelectual da fé cristã já tinha sido transmitido a esses homens, mas

²⁰ “Visto que o casamento e a família pertencem a Deus, devemos seguir a estrutura de casamento que Deus instituiu no Jardim. Adão era o cabeça da família e Eva era submissa à sua liderança. Essa estrutura é a que ‘deve’ existir em todo casamento. Assim, o Movimento de Libertação das Mulheres é uma violação aberta da criação da ordenança de casamento por Deus, quando ele nega a liderança do homem sobre a mulher”; *Ibid.*

²¹ C. F. Keil and F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, Vol. 1*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001; p. 64.

eles tinham recusado dar-lhe assentimento. Pedro, então, está dizendo às esposas que Deus ainda pode usar a “pureza e reverência” delas como meios pelos quais os maridos delas serão impressionados e convertidos, de forma que eles possam dar assentimento ao que eles já tinham ouvido. Portanto, essa passagem pressupõe a pregação do evangelho, antes do que nega sua necessidade.

Pedro continua nos versículos 5-6:

Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, que colocavam sua esperança em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo.

Como as mulheres se tornam bonitas? “Quando Abrão chegou ao Egito, viram os egípcios que Sarai era uma mulher muito bonita” (Gênesis 12:14) em termos de aparência. Pedro cita o caso dela como um exemplo de alcançar beleza interior através da submissão e obediência. Ser fisicamente atrativa não é suficiente — Sara se tornou bela porque ela “obedecia a Abraão e o chamava senhor”.

Assim como os cristãos se tornam os filhos de Abraão imitando sua fé (Gálatas 3:7), as mulheres se tornam as filhas de Sara imitando a obediência dela ao seu marido. Pedro não nega a existência de maridos abusivos, mas ele diz: “Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (v. 6). O comportamento ímpio de alguns maridos não escusa as esposas de seguirem os preceitos de Deus. A instrução bíblica é para “praticar o bem e não dar lugar ao medo” no contexto de ser submissa e obediente ao marido, de forma que “se qualquer deles não crê na palavra, seja ganho sem palavras, pelo comportamento de suas mulheres, quando eles vêm a pureza e reverência de suas vidas” (v. 1-2, NIV).

Nossa próxima passagem é Efésios 5:22-24. Ela diz:

Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.

O significado dessa passagem é muito claro, mas muitos comentaristas tentam subvertê-la. Por exemplo, o estudioso do Novo Testamento Walter L. Liefeld escreve o seguinte:

Sujeitar significa abrir mão de seus próprios direitos. Se o relacionamento exigir isso, como no militarismo, o termo pode conotar obediência, mas esse significado não é requerido aqui. De

fato, a palavra “obedecer” não aparece na Escritura com respeito a esposas, embora apareça com respeito aos filhos (6:1) e escravos (6:5).²²

Ele admite que a palavra traduzida como “sujeição” pode significar obediência se a relação descrita exige-lo, mas ele diz que a relação matrimonial não exige esse significado.

Agora, Paulo escreve: “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor”, e “*assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos*” (v. 24). As esposas devem se sujeitar aos seus maridos como a igreja deve se sujeitar a Cristo, e Liefeld reivindica que a sujeição das esposas não inclui obediência. Mas se isso é verdade, então nem a sujeição da igreja inclui obediência. Portanto, de acordo com Liefeld, as esposas e a igreja não precisam ser obedientes aos seus maridos ou a Cristo, mas uma pessoa deve ser obediente aos seus superiores no militarismo.

Ao invés de assumir que a sujeição não inclui obediência, deveríamos permitir que o ensino bíblico com respeito à autoridade absoluta de Cristo sobre os crentes e a igreja ditasse o significado da submissão. E visto que os crentes e a igreja devem obedecer a Cristo em sua submissão a ele, as esposas também deve obedecer aos seus maridos “em tudo”.

Definir “sujeição” como “abrir mão de seus próprios direitos” é, antes de tudo, problemático. Visto que a passagem também aplica “sujeição” em nosso relacionamento com Cristo, essa definição implica que temos um direito de desafiar o Senhor, mas que devemos abrir mão de tal direito. Contudo, visto que outras passagens bíblicas negam que tenhamos um direito de desafiar a Deus, a definição é falsa.²³

Essas tolices refletem apenas uma erudição terrível, e produzem implicações blasfemas.

Contudo, os erros de Liefeld não param aqui, visto que sua reivindicação de que “a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito a esposas” é tanto enganosa como falsa.

A reivindicação é enganosa, visto que embora a palavra traduzida como “sujete-se” (*hypotassō*) em 5:22 seja uma forma diferente da traduzida como “obedeçam” (*hypakouō*) em 6:1 e 6:5, ambas as palavras carregam o mesmo sentido de obediência. Por exemplo, Lucas 2:51 usa a palavra *hypotassō*, mas dessa vez ela é traduzida como “obediente”: “Então foi

²² *The NIV Study Bible, 10th Anniversary Edition*; Grand Rapids, Michigan: The Zondervan Corporation, 1995; Notas sobre Efésios 5:22.

²³ *Thayer's Greek-English Lexicon*: “arranjar sob, subordinar; sujeitar, colocar em sujeição; se sujeitar, obedecer; se submeter ao controle de alguém; ceder à admoestação ou aviso de alguém”; p. 645.

com eles para Nazaré, e era-lhes *obediente* [*hypotassō*]. Sua mãe, porém, guardava todas essas coisas em seu coração”.

Efésios 6:1 usa *hypakouō* quando ele diz: “Filhos, *obedeçam* a seus pais no Senhor, pois isso é justo”. Em Efésios 6:2, Paulo assume que o mandamento, “Honra teu pai e tua mãe”, significa que os filhos devem *obedecer* aos seus pais. Visto que a palavra em Lucas 2:51 é *hypotassō*, Liefeld está insinuando que Jesus meramente se *sujeitou* aos seus pais,²⁴ mas que ele não os obedeceu? Se Jesus obedeceu o mandamento, “Honra teu pai e tua mãe”, e esse mandamento equivale a *obediência* aos pais, segue-se que Jesus obedeceu seus pais, e que é correto traduzir *hypotassō* como “obediente” em Lucas 2:51.

Contudo, a reivindicação de Liefeld não é apenas enganosa — ela é simplesmente falsa. Visto que ele afirma que *hypotassō* é corretamente traduzida como “sujeição” em 5:22 e que *hypakouō* é corretamente traduzida como “obedecer” em 6:1 e 6:5, sua reivindicação de que “a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito a esposas” significaria que *hypakouō* nunca é usada na Escritura quando se referindo às esposas. Mas 1 Pedro 3:5-6 aplica a palavra *hypakouō* à Sara:

Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, que colocavam sua esperança em Deus. Elas se *sujeitavam* [*hypotassō*] cada uma a seu marido, como Sara, que *obedecia* [*hypakouō*] a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo.²⁵

Visto que Sara era a *esposa* de Abraão, e ela *obedeceu* [*hypakouō*] ao seu marido, e visto que as esposas são ordenadas nessa passagem a imitarem a obediência dela, segue-se necessariamente que *hypakouō* está sendo igualmente aplicada a todas esposas. Essa passagem aplica *hypakouō* a Sara como uma *esposa*, e por extensão a todas *esposas*. Então, como Liefeld pode afirmar que “a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito a esposas”? Em todo caso, quer *hypakouō* ou *hypotassō* seja usada, a Bíblia ensina que as mulheres devem obedecer seus maridos.

Esposas podem protestar que isso é difícil de cumprir, mas é argumentável que o dever do marido é até mesmo mais desafiador: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios 5:25). A ordem não é para os maridos meramente mostrarem afeição pelas suas esposas, mas a amá-las até a morte, e cuidarem dela mais do que de sua própria vida e bem-estar. Na

²⁴ Isto é, sujeição como definida por Liefeld – como algo menor do que obediência.

²⁵ Sujeição e obediência são intercambiáveis nesse versículo: “Elas se *sujeitavam* cada uma a seu marido, como Sara, que *obedecia* a Abraão...”.

extensão em que uma pessoa não possui tal amor por sua esposa, ele é menos do que um homem bíblico. Nossa estimativa de um homem nunca deveria ser diferente do que seu amor por Deus, pela Bíblia e por sua esposa.

Pode ser verdade que é difícil obedecer muitos homens, mas também é verdade que muitas mulheres são difíceis de se amar. Contudo, assim como Deus capacita os homens cristãos a amarem suas esposas como Cristo ama sua igreja, ele capacita mulheres cristãs a obedecerem seus maridos como a igreja deve obedecer a Cristo. Em todo caso, toda pessoa é responsável para com Deus, a despeito do que o outro [conjugue] faz, como o apóstolo Pedro afirma (1 Pedro 3:1-7). O fato de um marido não ser amoroso não escusa a desobediência da esposa, e um marido deve amar sua esposa a despeito de seus defeitos.

Uma objeção popular à estrutura bíblica de autoridade para a família vem de um uso incorreto de Gálatas 3:28, e argumenta que o versículo fala contra todo gênero de “desigualdade” ou distinções: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”. Visto que não há “homem nem mulher” em Cristo, alguns constroem o argumento de que não deveria haver nenhuma distinção ou diferença em autoridade dentro do relacionamento matrimonial.

Contudo, isso não pode ser o intuito do versículo, visto que em outro lugar Paulo prescreve distinções de função e reconhece diferenças em autoridade entre maridos e esposas e senhores e escravos, dizendo: “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor” e “Escravos, obedeam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo” (Efésios 5:22, 6:5). Portanto, Gálatas 3:28 não abole todo tipo de distinção, e não contradiz ou anula aquelas passagens bíblicas que ensinam a liderança masculina da família.

Quando lemos o versículo em seu contexto, torna-se óbvio que ele refere-se apenas à igualdade de todo indivíduo eleito em seu pronto acesso à justificação pela fé:

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gálatas 3:26-29)

O versículo não ensina a igualdade social ou de gênero de forma alguma, mas ensina uma igualdade espiritual entre os eleitos. Todos aqueles a quem Deus escolheu para receber a salvação têm acesso igual à justificação através de Cristo pela fé, quer eles sejam homens ou

mulheres, judeus ou não-judeus, senhores ou escravos. Gênero, raça e status social são irrelevantes para o acesso à salvação de alguém através de Cristo pela fé, embora somente os eleitos a obtenham (Romanos 11:7). O versículo não carrega nenhuma referência à igualdade de gênero em qualquer outra situação, e não tem nenhuma relevância para distinções de função entre homens e mulheres.²⁶

Temos examinado várias passagens bíblicas que afirmam a liderança masculina no relacionamento matrimonial, mas há muito mais que afirmam ou implicam a estrutura de autoridade divinamente instituída na família como exposto acima. Elizabeth Handford escreve: “Se você é intelectualmente honesto, você deve admitir que é impossível encontrar uma simples abertura, uma simples exceção, um ‘se’ ou ‘a menos que’”. A Escritura diz, sem qualificação... que uma mulher deve obedecer ao seu marido”.²⁷ Paulo diz que uma esposa deve obedecer ao seu marido, “a fim de que a palavra de Deus não seja difamada” (Tito 2:5); uma esposa desobediente traz vergonha para o reino de Deus.

A QUEDA DO HOMEM

Adão foi criado à imagem divina, e no princípio ele era bom e justo (Eclesiastes 7:29). Então Deus o colocou no Éden para arar a terra, e lhe ordenou que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal.

O SENHOR Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o SENHOR Deus ordenou ao homem: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá”. (Gênesis 2:15-17)

Mas Satanás veio na forma de uma serpente, enganou a mulher e a fez comer da árvore, e ela, conseqüentemente, deu a Adão do fruto da árvore para comer. Dessa maneira, ambos pecaram contra Deus (Gênesis 3:1-13; 1 Timóteo 2:14). Então Deus pronunciou uma maldição contra eles que incluiu dor, trabalho duro e morte (Gênesis 3:16-19), e expeliu os dois do Éden (Gênesis 3:23). Assim o homem caiu do seu estado original.

O pecado produziu efeitos devastadores na humanidade. A REPRESENTATIVIDADE FEDERAL de Adão refere-se ao seu papel como o representante de toda a humanidade no Éden. A Escritura ensina que quando ele pecou, ele agiu no lugar de todos os seus descendentes na

²⁶ Richard W. Hove, *Equality in Christ? Galatians 3:28 and the Gender Dispute*; Crossway Books, 1999.

²⁷ Elizabeth Rice Handford, *Me? Obey Him?*; Murfreesboro, Tennessee: Sword of the Lord Publishers, 1994; p. 31.

mente de Deus.²⁸ Portanto, quando Adão caiu em pecado, toda a humanidade caiu com ele: “... o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens... uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens...” (Romanos 5:12,18).

Adão representou a raça humana no Éden como um “cabeça federal” e não como um “cabeça orgânico”. Toda a humanidade foi condenada por seu pecado, não por causa de relação física com ele, mas porque Adão representava a humanidade na mente de Deus; isto é, Deus soberanamente determinou que Adão representasse toda a humanidade no Éden.²⁹ Portanto, toda pessoa concebida após Adão está condenada pela culpa herdada mesmo antes do indivíduo ter uma oportunidade de cometer quaisquer pecados pessoais. Quando Adão pecou, toda a humanidade pecou; quando Adão ficou sob condenação, toda a humanidade ficou sob condenação (Romanos 5:18).

O termo PECADO ORIGINAL original refere-se à culpa herdada, antes do que ao pecado cometido por Adão. Eu concordo com Wayne Grudem que o termo é enganoso.³⁰ Alternativas podem incluir “culpa original” e “pecado herdado”, mas “culpa original” por ser compreendida incorretamente como se referindo ao pecado de Adão, e “pecado herdado” pode ser compreendido incorretamente como se referindo à transmissão de culpa baseada na nossa relação física com Adão. Mas como Adão era o nosso representante na mente de Deus, assim a sua culpa nos foi imputada na mente de Deus. Assim, CULPA IMPUTADA é um termo mais correto, e estabelece um bom paralelo à JUSTIÇA IMPUTADA que o eleito recebe pela fé na obra de Cristo.

Além de Romanos 5:12-19, os seguintes versículos bíblicos também apontam para a culpa imputada que recebemos de Adão:

Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe. (Salmo 51:5)

Os ímpios erram o caminho desde o ventre; desviam-se os mentirosos desde que nascem. (Salmo 58:3)

²⁸ Para ser mais preciso, ele representou somente cada membro pertencente ao grupo de pessoas atribuídas a ele na mente de Deus, que é todo membro da raça humana, exceto Cristo. Cristo foi descendente de Adão no sentido de que ele tomou os atributos humanos em sua encarnação, mas ele não tinha pecado, e nasceu sem culpa imputada ou corrupção herdada. Isso confirma que os efeitos do pecado de Adão foram soberanamente imputados aos seus descendentes, e não passados por sua relação física com eles. O próprio Cristo foi o cabeça federal dos eleitos, e a Escritura o chama de outro “Adão” (1 Coríntios 15:45).

²⁹ Algumas pessoas podem objetar que é injusto Deus escolher ter Adão como o nosso cabeça federal sem o nosso assentimento. Uma vez mais, a resposta é que visto que Deus é a única autoridade moral, tudo o que ele faz é justo por definição.

³⁰ Wayne Grudem, *Systematic Theology*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1994; p. 494-495.

Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. (1 Coríntios 15:22)³¹

Não somente herdamos de Adão a culpa do pecado, mas também herdamos dele uma natureza pecaminosa. Isso significa que não somos culpados aos olhos de Deus apenas por causa do pecado de Adão, mas que também possuímos uma disposição para pecar e nos rebelarmos contra as leis de Deus. Grudem usa o termo CORRUPÇÃO HERDADA para designar essa disposição pecaminosa que recebemos de Adão. Muitas pessoas favorecem o ensino da filosofia secular de que os seres humanos nascem com uma disposição para o bem; contudo, a Bíblia ensina outra coisa.

Provérbios 22:15 diz: “A insensatez está ligada ao coração da criança”. Paulo declara que todos seguíamos nossa “*natureza pecaminosa*” antes de Deus nos regenerar, e que “somos *por natureza* objetos de ira” (Efésios 2:3).

Muitas pessoas resistem ao ensino bíblico sobre a culpa imputada e a corrupção herdada. Mesmo alguns cristãos professos negariam que eles tenham pecado alguma vez.³² Eles podem admitir ter feito várias coisas por causa da “fraqueza humana” deles, e que eles cometeram “enganos”, mas eles insistem que seria um exagero rotular o que eles fazem como “pecados”. O problema é que a definição de pecado deles está longe da definição dada na Escritura.

A Bíblia define pecado como a transgressão da lei moral de Deus: “Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei” (1 João 3:4). Uma pessoa peca quando ela falha em fazer o que Deus ordena que ela faça, ou quando ela faz o que Deus a proíbe fazer. Agora, se pecado é uma violação da lei moral de Deus, então se uma ação particular é pecaminosa deve ser definido por sua relação com essa lei, isto é, deve ser verificado se uma violação realmente ocorreu. E visto que a lei moral de Deus trata de todas as áreas de pensamento e conduta, quer por mandamento explícito ou por inferência necessária, nossos pensamentos e ações nunca são moralmente neutros (1 Coríntios 10:31).

Jesus deixa claro que cada mandamento moral de Deus não somente governa as ações de uma pessoa, mas seus pensamentos também. O

³¹ Esse versículo não ensina a salvação universal ou a expiação universal. De fato, visto que a Escritura nega em outros lugares a salvação universal, o versículo ensina por necessidade a expiação particular com Cristo como o cabeça federal dos eleitos. Adão representou cada membro em seu grupo, e todos da humanidade morreram nele. Cristo também representou todo membro em seu grupo, e todo membro nesse grupo foram vivificados. Contudo, nem todo membro da raça humana será salvo; portanto, Cristo não representou todo membro da raça humana, mas somente os eleitos.

³² Certamente, eles não são cristãos genuínos.

assassinato não inclui somente o ato físico de matar outro ser humano sem justificação bíblica,³³ mas ele é um pecado da mente também:

Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno. (Mateus 5:21-22)

Da mesma forma, a lei moral que proíbe o adultério não se aplica apenas ao ato de infidelidade sexual, mas adultério é um pecado da mente também: “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’. Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração” (Mateus 5:27-28).

Jesus explica que o pecado procede da mente: “Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez” (Marcos 7:21-22). O que parece ser pecados físicos são, de fato, primeiramente concebidos na mente; portanto, embora nem todos pecados da mente resultem em expressão física, todos pecados físicos implicam pecadores anteriores da mente. Algumas pessoas cometem menos pecados físicos do que outras, mas todos nós freqüentemente desagradamos a Deus em nossos pensamentos. Em adição, Jesus diz em Mateus 12:36: “Mas eu lhes digo que, no dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra descuidada que tiverem falado”. Quantos de nós nunca pronunciarmos sequer uma “palavra descuidada”?

Paulo escreve que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23), e João diz: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós... Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 João 1:8,10). Salmo 130:3-4 indica que, a menos que Deus nos perdoe, ninguém pode ser justificado em sua presença: “Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia? Mas contigo está o perdão para que sejas temido”. Portanto, ninguém pode dizer que é inocente diante de Deus.

Não somente toda pessoa é culpada desde o nascimento por causa da imputação do pecado de Adão, mas toda pessoa herdou de Adão uma disposição pecaminosa, que o faz desafiar a Deus em pensamento e ação durante toda a sua vida. O resultado é que todo homem caminha para a eterna condenação, a menos que haja algum tipo de intervenção.

³³ Matar um ser humano com justificação bíblica não é assassinato, tal como a execução de um criminoso violento.

O pecado realizou um dano considerável na pessoa humana. Algumas pessoas vão ao ponto de argumentar que embora Deus tenha criado Adão à imagem divina, a Queda arruinou e distorceu de tal forma essa imagem que o que Adão passou à sua posteridade não foi mais a imagem de Deus, mas a imagem de homem. Proponentes dessa visão frequentemente fazem o seu argumento a partir de Gênesis 5:1-3, que diz: “Este é o registro da descendência de Adão: Quando Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou. Quando foram criados, ele os abençoou e os chamou Homem. Aos 130 anos, Adão gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem; e deu-lhe o nome de Sete”.

Contudo, a passagem não indica que a imagem foi de tal forma alterada ou arruinada que ela não é mais a imagem de Deus. Ela diz que Deus fez Adão à imagem de Deus, e Adão, conseqüentemente, teve uma descendência à imagem de Adão. Se $A = B$ e $B = C$, então $A = C$. A passagem não declara que a imagem mudou ou como ela mudou. Seu propósito é retratar a continuação da imagem de Deus na humanidade, antes do que sua abolição. Se a imagem permaneceu a mesma em Adão, então certamente sua descendência também nasceria à imagem de Deus.

Outras passagens bíblicas indicam que a imagem de Deus no homem realmente permaneceu intacta. Algumas gerações após o tempo de Adão, Deus disse a Noé que o assassinato seria punido por morte, pois “porque à imagem de Deus foi o homem criado” (Gênesis 9:6). O apóstolo Tiago argumenta da mesma forma que é errado amaldiçoar outros seres humanos, pois eles foram “feitos à semelhança de Deus” (Tiago 3:9).

Apelar à imagem de Deus no homem seria ilegítimo se o homem não mais existisse como imagem de Deus, mas esses dois exemplos de apelo à imagem de Deus são obviamente autoritativos e legítimos, visto que o primeiro vem de Deus e o segundo de um apóstolo. Também, se um homem é definido pela imagem de Deus, então o homem não mais seria homem se sua imagem estivesse tão arruinada ou distorcida de sua forma original que nem possa ser mais chamada de imagem de Deus.

Contudo, isso não significa que a imagem de Deus no homem ficou completamente intacta pelo pecado. Após a queda do homem, e tão cedo quanto Gênesis 6:5, “O SENHOR viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal”. Esse versículo fornece uma descrição apropriada da natureza pecaminosa do homem, que é a “inclinação dos pensamentos” para o mal. Paulo diz que gratificar “as paixões da nossa natureza humana” é seguir “seus desejos e pensamentos” (Efésios 2:3). Da mesma forma, Jesus diz: “Pois do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as

imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias” (Mateus 15:19).

Assim, a Bíblia define a natureza pecaminosa no homem como a má disposição da mente, ou a disposição para pensar e agir contrariamente aos preceitos da Escritura. Todos os descendentes de Adão, exceto Cristo, têm herdado tal disposição:

Quem vive segundo a *natureza pecaminosa* tem a *mente* voltada para o que essa natureza deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da natureza pecaminosa é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da natureza pecaminosa é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. (Romanos 8:5-7)

O deus desta era *cegou a mente* dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. (2 Coríntios 4:4)

Antes vocês estavam separados de Deus e eram *inimigos em suas mentes*, [conforme demonstrado pelo]³⁴ mau procedimento de vocês. (Colossenses 1:21)

Entre outras coisas, e de acordo com o exposto acima, a Bíblia retrata o pecado como um lapso na racionalidade. Eclesiastes 7:25 menciona “a estupidez da impiedade”,³⁵ e Provérbios 6:32 diz, “o que comete adultério com uma mulher é falto de entendimento” (NASB). Falando daqueles que recusam adorar o Deus verdadeiro, Paulo escreve: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (Romanos 1:22). A rebelião contra Deus não tem sentido. Enquanto alguém desobedecer a Escritura, ele é deficiente em julgamento e entendimento. Por outro lado, “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso” (Salmos 111:10).

A implicação desses versículos é que, embora o equipamento intelectual do incrédulo permaneça em existência, a disposição pecaminosa de sua mente lhe faz argumentar a partir de premissas falsas. Sua mente é induzida contra a verdade de Deus, e lhe faz selecionar os primeiros princípios errados com os quais ele constrói sua cosmovisão. O resultado é uma visão abrangentemente falsa e ilusória de toda realidade. Mesmo que o incrédulo comece a partir de premissas verdadeiras, tal como proposições bíblicas, sua mente pecaminosa

³⁴ Essa é uma tradução alternativa que consta nas notas de rodapé da NIV.

³⁵ Uma tradução alternativa é “a impiedade da estupidez”. Ambas as traduções relacionam o mal no homem à sua racionalidade diminuída ou inconsistente.

ainda errará no raciocínio, e produzirá falsas conclusões através de deduções falaciosas.³⁶

Isso corresponde a uma declaração anterior nesse livro de que todos os não-cristãos são intelectualmente defeituosos. O pensamento deles é controlado por preconceitos e falácias, de forma que eles consistentemente formam conclusões que são hostis a Deus. Lembre-se que é a mente racional do homem que reflete sua semelhança com Deus; portanto, que o mal afetou o intelecto do homem significa que ele penetrou o cerne do seu ser. O acima mostra que embora o homem ainda retenha sua semelhança a Deus no fato dele ainda possuir uma mente racional, sua racionalidade foi tão arruinada que o homem nasce agora com uma disposição para o mal. As conseqüências destrutivas do pecado na mente do homem são chamadas de EFEITOS NOÉTICOS DO PECADO.

Para entender o plano redentor de Deus, precisamos captar a extensão na qual o homem caiu. O efeito do pecado sobre o aspecto espiritual do homem foi mais do que um golpe enfraquecedor; ele foi um golpe fatal. Os não-regenerados não estão apenas espiritualmente doentes e cegos (Lucas 5:31; Mateus 15:14), mas eles estão espiritualmente mortos. E visto que eles estão espiritualmente mortos, eles são completamente incapazes quando diz respeito a operações espirituais. Eclesiastes 9:3 diz: “Além do mais, os corações dos homens estão cheios de maldade, e de loucura durante toda a suas vidas” (NASB), e o profeta Jeremias observa: “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável” (Jeremias 17:9). O homem em sua condição não-regenerada é aqui descrito como mal, louco e incurável. Assim como uma pessoa morta não pode pedir ou responder a qualquer ajuda, um pecador não pode alcançar ou se preparar para a salvação por sua própria vontade ou esforço, e em si mesmo ele não pode nem mesmo decidir se arrepender ou aceitar a misericórdia de Deus.

Os versículos bíblicos que indicam que o incrédulo está espiritualmente morto incluem os seguintes:

Mas Jesus lhe disse: “Siga-me, e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos”. (Mateus 8:22)

“Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado”. E começaram a festejar o seu regresso... “Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”. (Lucas 15:24,32)

³⁶ Isso significa que o incrédulo nunca pode descobrir a verdade por si mesmo, e mesmo que a verdade seja lhe dada, ele falhará em captá-la ou em reconhecer suas implicações. Assim, Jesus diz: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (João 3:3), e tal novo nascimento deve ser iniciado e completado por Deus, sem qualquer cooperação do homem.

Pois, da mesma forma que o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, o Filho também dá vida a quem ele quer. (João 5:21)

Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados... Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões pela graça vocês são salvos. (Efésios 2:1, 4-5)

Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. (1 João 3:14)

Assim a Bíblia ensina o que é chamado de a DEPRAVAÇÃO TOTAL do homem; contudo, o termo pode ser enganoso. Ele não pretende dizer que todo ser humano é tão mal quanto ele poderia ser, mas sim que o dano que o pecado realizou no homem é abrangente e impregnante, de forma que toda parte da pessoa humana foi afeitada pelo mal.

Esse dano é de tal extensão que o homem está espiritualmente morto, e assim ele é incapaz de até mesmo cooperar com Deus quando diz respeito à salvação. Isso significa que a menos que os incrédulos experimentem a regeneração, ou ressurreição espiritual, eles nunca reconhecerão a verdade da mensagem do evangelho, e nunca aceitarão a Cristo. Contudo, visto que eles não podem realizar ou facilitar a própria regeneração espiritual deles, o novo nascimento ocorre somente pela graça soberana de Deus.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com
Cuiabá-MT, 26 de Setembro de 2005